

Educação a Distância e Tecnologias: conceitos, termos e um pouco de história

Márcio Luiz Corrêa Vilaça¹ - UNIGRANRIO

Resumo:

A rápida e crescente adoção da Educação a Distância em diferentes contextos tem feito com que alguns conceitos, algumas vezes, estejam imprecisos e ambíguos, tanto para professores e estudantes. Este artigo tem por finalidade discutir objetivamente alguns conceitos-chaves em Educação a Distância e no uso de dispositivos e recursos tecnológicos em Educação. O artigo apresenta uma definição para Educação a Distância, um perfil da sua história e desenvolvimento a discussão de alguns conceitos e terminologias amplamente empregadas na área.

Palavras Chave: Educação a distância, tecnologia, conceitos, história, terminologia

Abstract:

The growing and quick adoption of Distance Education in different context has made some concepts to be unclear or ambiguous sometimes, both for teachers and students. This article aims at briefly discussing some key concepts in distance education and in the use of technological devices and resources in Education. It presents a definition for Distance Education, an outline of its history and development and discussion of some basic concepts and terminology widely used in the field.

Keywords: Distance education, technology, concepts, history, terminology

¹ Doutor em Letras (Estudos de Linguagem) pela UFF, Mestre em Linguística Aplicada pela UFRJ.

1 - Introdução

É evidente o crescimento do emprego de tecnologia em contextos de ensino-aprendizagem nos últimos anos. Uma das formas mais visíveis desta interação educação-tecnologia é a Educação a Distância (EaD) na modalidade online e no ensino semipresencial.

Maia e Mattar (2007, p xiii) afirmam que:

O crescimento do mercado de educação a distância (EaD) é explosivo no Brasil e no Mundo. Dados estão disponíveis por toda parte: cresce exponencialmente o número de instituições que oferecem algum tipo de curso a distância, o número de cursos e disciplinas ofertados, de alunos matriculados, de professores que desenvolvem conteúdos e passam a ministrar aulas a distância, de empresas fornecedoras de serviços e insumos para o mercado, de artigos e publicações sobre EaD, crescem as tecnologias disponíveis, e assim por diante.

Esta realidade tem feito que, cada vez mais, professores se envolvam em atividades e projetos relacionados a EaD, tanto como parte de sua formação quanto em seus contextos profissionais, seja de forma voluntária, por necessidades específicas, ou ainda por questões mercadológicas e de atualização profissional.

A adoção da EaD deve ser acompanhada de formações e reflexões teóricas e práticas. Em geral, é necessário compreender características, possibilidades, potencialidades e limitações de diferentes formas de ensino, inclusive da educação a distância, das tecnologias e dos recursos disponíveis. No entanto, é possível constatar casos nos quais alguns professores e alunos apresentam compreensões confusas ou equivocadas sobre o que seja EaD, sobre o conceito de distância, sobre terminologias empregadas, entre outras questões.

Este artigo discute de forma objetiva alguns conceitos básicos relacionados à educação a distância. O trabalho apresenta uma breve história desta modalidade de ensino e aborda a relação entre tecnologias e formas de EaD. Algumas questões terminológicas também são tratadas.

2- O que é Educação a Distância?

Em termos gerais, a Educação a Distância é uma modalidade de educação na qual professores e alunos encontram-se em locais diferentes (MOORE e KEARSLEY, 2008; CARLINI e TARCIA, 2010) “durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem ou ensinam” (MOORE e KEARSLEY, 2008, p.1). A sigla EaD é empregada tanto para *Educação a Distância* quanto para *Ensino a Distância* (BELLONI, 2009).

A compreensão de EaD é influenciada pela compreensão de distância (GOUVÊA e OLIVEIRA, 2006; TORI, 2010). A distância deve ser compreendida basicamente como separação espacial (geográfica/local) entre participantes do processo educacional, sejam estes alunos ou professores. Em aulas por videoconferência, é comum que os alunos estejam juntos, mas em lugar diferente do professor. Por outro lado, quando o estudo ocorre pela internet, é comum alunos e professores estejam em locais diferentes e acessem o curso e os materiais e recursos didáticos em momentos diferentes. Estes dois exemplos ilustram que há diferentes possibilidades de distanciamento entre alunos e professores.

Incompreensões sobre as possíveis formas de distância tendem a gerar, como consequência, críticas e até mesmo preconceitos em relação a EaD. Neste sentido, é relevante fazer duas considerações. Primeiramente, a distância - ou separação espacial - não implica necessariamente em divergência temporal (cronológica). Assim, alunos e professores podem estar em locais diferentes participando sincronicamente de uma mesma atividade com fim pedagógico, como, por exemplo, em atividades mediadas por *chat*.

Em segundo lugar, conforme apontam Valente e Mattar (2007, p.19), o distanciamento físico entre os participantes “não implica em distanciamento humano”. Os autores prosseguem afirmando que “a EaD, portanto, possibilita a manipulação do espaço e do tempo em favor da educação” (p.20). Tori (2010) aponta que a EaD, na verdade, possibilita eliminar distâncias, principalmente se considerarmos as potencialidades da internet. O autor discute o emprego de

tecnologias interativas na redução de distâncias em situações de ensino e aprendizagem.

3- Dos *tipos* aos *bytes*: uma breve trajetória da EaD

Nos últimos anos, EaD tem sido foco de muitos estudos e de grande repercussão na mídia, sendo cada vez mais adotada por colégios, universidades, professores, entre outros. A popularização e a visibilidade da EaD parecem estar diretamente ligadas à popularização, ao desenvolvimento e à expansão da internet e de novas tecnologias (MAIA e MATTAR, 2007). Este fato induz à compreensão equivocada de EaD como novidade. Tori (2010, p.4) afirma que “a educação a distância (EAD) não é tão nova como muitos acreditam. O uso das novas tecnologias para essa modalidade é que trouxe o caráter inovador e atualizado para a EAD”.

Na verdade, esta modalidade de ensino remonta a uma longa história, sendo difícil definir o marco ou o momento de sua fundação. A literatura apresenta diferentes situações que podem ser consideradas como experiências iniciais em EaD.

Maia e Mattar (2007) apontam que, na concepção de alguns autores, as cartas de Platão e as Epístolas de São Paulo estariam entre primeiras experiências de educação a distância. A invenção da imprensa, no entanto, é mais frequentemente tratada como o desenvolvimento tecnológico que possibilitou o surgimento da EaD. Os pesquisadores citados afirmam que:

Há registros de cursos de taquigrafia a distância, oferecidos por meio de anúncios de jornais, desde a década de 1720. Entretanto, a EaD surge efetivamente em meados do século XIX, em função do desenvolvimento de meios de transportes e comunicação (como trens e correio), especialmente com o ensino por correspondência.

(MAIA e MATTAR; 2007, p.21)

Em geral, os autores relacionam o surgimento da EaD ao emprego de tecnologias de impressão, especialmente dos jornais. Assim, os jornais seriam um dos primeiros instrumentos de educação a distância (MAIA e MATTAR, 2007).

Embora atualmente um nível surpreendente de EaD ocorra por meio da internet, é necessário lembrar que há outras formas de EaD em uso, entre elas o ensino por correspondência e por programas de TV e rádio. No Brasil, estas últimas tecnologias podem ser consideradas as primeiras iniciativas formais de educação a distância. O quadro a seguir oferece alguns dos destaques da história EaD no Brasil no século XX:

Quadro 1 - Alguns destaques da EaD no Brasil no século XX	
Década de 20	Criação da Radio Sociedade do Rio de Janeiro por Roquette Pinto (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1939	Instituto Monitor (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1941	Instituto Universal Brasileiro (MAIA e MATTAR, 2007; CARLINI e TÁRCIA, 2010)
1947	Universidade do Ar – fundada por SENAC e SESC e emissoras associadas (MAIA e MATTAR, 2007);
1970	Projeto Minerva (MAIA e MATTAR, 2007);
1977	Telecurso – da Fundação Roberto Marinho (MAIA e MATTAR, 2007)

Alves (2009, p.9), em discussão sobre a história da EaD no Brasil, afirma que:

Há registros históricos que colocam o Brasil entre os principais no mundo no desenvolvimento da EaD, especialmente até os anos 70. A partir dessa época, outras nações avançaram e o Brasil estagnou, apresentando uma queda no ranking internacional. Somente no final do milênio é que ações positivas voltaram a acontecer e pudemos observar novo crescimento, gerando nova fase de prosperidade e desenvolvimento.

A trajetória da EaD é dividida por diversos pesquisadores em fases ou gerações (MAIA e MATTAR, 2007; MOORE e KEARSLEY, 2008, por exemplo).

Estas divisões tendem a considerar predominantemente o tipo de tecnologia empregada. As propostas de análises em gerações apresentam diferenças entre os autores, mas o ensino por correspondência é tradicionalmente classificado como EaD de primeira geração (MAIA e MATTAR, 2007; MOORE e KEARSLEY, 2008). Vejamos abaixo, por meio de um quadro², a proposta de Maia e Mattar (2007).

Quadro 2 – Gerações de EaD de acordo com Maia e Mattar (2007)		
Geração	Forma	Recursos instrucionais e tecnológicos básicos
Primeira	Ensino por Correspondência	Materiais impressos, livros, apostilas
Segunda	Novas mídias e universidades	Rádio, Vídeo, TV, Fitas cassetes
Terceira	EaD on-line	Internet, MP3, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), vídeos, animações, ambientes 3D, redes sociais, fóruns,

Se, para Maia e Matar (2007, p. 22), vivemos hoje a “terceira geração: EaD on-line”, na divisão elaborada por Moore e Kearsley (2008, p. 44 e 45), o momento atual reflete a quinta geração: “Aulas virtuais baseadas no Computador e na Internet.” As gerações de EaD por Moore e Kearsley podem ser sinteticamente observadas no quadro³ abaixo:

² Quadro original elaborado com base nas discussões em Maia e Mattar (2007)

³ Quadro original elaborado com base nas discussões em Moore e Kearsley (2008)

Quadro 3 – Gerações de EaD de acordo com Moore e Kearsley (2008, p. 26)

Geração	Forma	Recursos instrucionais e tecnológicos básicos
Primeira	Ensino por Correspondência	Materiais impressos, livros, apostilas
Segunda	Transmissão por rádio e televisão	Rádio, Vídeo, TV, Fitas cassetes
Terceira	Universidades abertas	materiais impressos, TV, Rádio, telefone, fitas cassete
Quarta	Teleconferência	Teleconferência interativa com áudio e vídeo
Quinta	Internet/web	Internet, MP3, ambientes virtuais de aprendizagem (AVA), vídeos, animações, ambientes 3D, redes sociais, fóruns ...

Valente e Mattar (2007, p. 20) afirmam que “recentemente, a EaD, passou a utilizar, com maior intensidade, tecnologias de telecomunicação e transmissão de dados, som e imagens que convergem cada vez mais para o computador.” Fica evidente que a Educação deve procurar fazer uso da rede mundial de computadores, expandindo papéis e atuações de alunos e professores.

4- Educação a Distância e Ensino Tradicional: uma oposição perigosa

Com certa frequência é possível encontrar professores que, no intuito de apresentar ou defender a EaD estabelecem oposição entre EaD e ensino tradicional. Esta “oposição”, no entanto, em termos práticos apresenta imprecisão conceitual e pode ter um efeito inverso ao desejado, atribuindo

compreensões equivocadas sobre o que seja EaD e o que seja ser “tradicional”.

As discussões até aqui possibilitam compreender a proximidade entre EaD e tecnologias, em especial as *Novas Tecnologia de Informação e Comunicação- NTICs* (BARROS, 2009, KENSKI, 2010). Conforme já apontado, este fator acaba por atribuir à EaD um caráter inovador (TORI, 2010). No entanto, a oposição entre EaD e *ensino tradicional* é bastante perigosa, já que palavra *tradicional* pode ser equivocadamente interpretada com sentidos pejorativos tais como *antigo, conservador, ultrapassado, limitado*, por exemplo. Em geral, quando ouvimos que uma escola ou um professor adota uma metodologia tradicional, quase que invariavelmente, a avaliação é vista de forma negativa.

Esta compreensão poderia apontar o professor que trabalha ou defende a EaD como um “professor do futuro” e o professor que não trabalha ou não aceita EaD como um “professor do passado”. Infelizmente este argumento é algumas vezes equivocadamente usado para tentar motivar professores a aceitar, adotar ou reconhecer potencialidades da EaD. As generalizações são perigosas. Afinal, a tecnologia por si só não pode garantir qualidade ao ensino. A qualidade da educação depende de uma ampla variedade de fatores. Em outras palavras, é possível ser “tradicional” em EaD da mesma forma como é possível ser “inovador” no ensino dito “tradicional”.

É necessário que os professores sejam devidamente preparados em termos pedagógicos e tecnológicos para a EaD, compreendendo suas possibilidades, características e potencialidades. Caso contrário, há o risco de “transposição” de aulas presenciais para ambientes online (MAIA e MATTAR, 2007), provocando, entre outras coisas, o subaproveitamento dos recursos disponíveis.

5- *Blended Learning* ou Ensino semipresencial

Assim como a “oposição” discutida na seção anterior, outra diferenciação comum é: EaD x ensino presencial. Embora a oposição possa ser útil, é necessário ter em mente que há diversas possibilidades de combinação das duas modalidades de educação, o que resulta no ensino semipresencial, também denominado *blended learning* ou ensino híbrido (TORI, 2009).

O verbo inglês *blend* significa *misturar, combinar*. Esta forma de ensino, portanto, combina estudos presenciais e a distância. O termo *blended learning* pode ser empregado tanto quando aulas presenciais são combinadas com atividades a distância ou para o sentido inverso, quando um curso em EaD requer aulas, encontros ou aulas presenciais.

Tori (2009, p. 121) defende que:

A convergência entre virtual e real tem sido discutida há algum tempo (Tori e Ferreira, 1999), (Tait e Mills, 1999), (Moran, 2002) e Tori(2003). Mais recentemente, essa abordagem tem se popularizado, e o termo *blended learning* começa a se consolidar. Com essa abordagem, os educadores podem lançar mão de uma gama maior de recursos de aprendizagem, planejando atividades virtuais ou presenciais, levando em consideração limitações e potenciais que cada uma apresenta em determinadas situações e em função de forma, conteúdo, custos e resultados pedagógicos desejados.

É importante ressaltar que a atividade a distância não precisa necessariamente ser realizada online ou mediada por modernas tecnologias de informação e comunicação. Em outras palavras, o *blended learning* não implica obrigatoriamente em integrar atividades presenciais com atividades online. As atividades a distância poderiam ser realizadas por materiais impressos, TV, rádio, entre outras possibilidades.

6- Terminologias em Língua Inglesa: cuidados necessários

Formiga (2009, p. 39), em artigo que discute o uso de terminologias em EaD, alerta que:

A prática educativa e as teorias educacionais são propostas e conceituadas por meio de termos técnicos ou expressões linguísticas, que expressam o sentido e definem suas concepções. A terminologia delimita a abrangência de uma ciência e demonstra o domínio pelos seus propositores e usuários. De certa maneira, a terminologia constitui o dialeto próprio de cada ciência. Ao mesmo tempo que esclarece para os já iniciados, pode confundir os menos familiarizados com o campo de atuação de uma ciência pelo uso diferente daquele estabelecido pelas fronteiras de determinada área de conhecimento.

Em outras palavras, o pesquisador aponta para a necessidade de cuidados com o uso de terminologias e expressões, para evitar o que o autor denomina de “armadilha terminológica” (FORMIGA, 2009, p. 39). O uso descuidado de termos e expressões pode ocasionar imprecisões, ambiguidades ou, até mesmo, produzir discursos vazios, que, apesar de longos e repleto de palavras-chaves na área, podem dizer muito pouco ou, em casos extremos, até mesmo nada.

Se há riscos no uso de termos técnicos entre familiarizados na área, a questão é potencializada quando a interação ocorre com pessoas de outras áreas ou leigos. Dois exemplos clássicos disso são o que, na mídia, aparecem chamados popularmente de *economês*, *juridiquês*, que se referem basicamente ao amplo emprego de terminologia e linguagens profissionais nas áreas de Economia e Direito.

É interessante notar a forte presença da língua inglesa em diferentes termos ligados à educação a distância e ao uso de tecnologia em educação. Alguns destes termos são: *online*, *blended learning*, *e-learning*, *mobile learning*, *click universities*, *web quest*, *webware*. O uso da língua inglesa pode ampliar os riscos de “armadilhas terminológicas”.

Os principais motivos que contribuem para o amplo uso do inglês em EaD são:

- a) as experiências de universidades americanas e britânicas em cursos e pesquisas em EaD;
- b) o impacto dos Estados Unidos no desenvolvimento de tecnologias de comunicação e informação (TICs), de softwares e hardwares;

c) o predomínio da língua inglesa na internet.

Enquanto alguns termos podem ser facilmente substituídos por suas traduções ou equivalentes em português (*blended learning* por ensino semipresencial, por exemplo), outros não apresentam esta mesma facilidade de tradução.

O contexto da chamada Web 2.0, por exemplo, tem motivado a criação de neologismos em língua inglesa tais como *webware* (web + software, para se referir a um software que “roda” diretamente na internet), *peopleware* (people + software) e *webtop* (web + desktop). No caso dos dispositivos eletrônico, dois exemplos de neologismo são *netbook* (notebook + internet) e *smartphone* (smart + telephone). Muitas pessoas, mesmo com algum conhecimento da língua inglesa, desconhecem palavras frequentes em publicações e sites de tecnologia, como *widgets*⁴ e *gadgets* (dispositivo, aparelho, geringonça), e o significado de conceitos como *cloud computing*, mesmo que, neste último caso, a tradução *computação nas nuvens* não seja difícil.

Em síntese, é necessário cuidado no uso de terminologias de língua inglesa em atividades em educação a distância, uma vez que as palavras e expressões estrangeiras podem conduzir a incompreensões.

7- Considerações Finais

A EaD tem se popularizado e expandido para diferentes contextos e níveis escolares. Como consequência, a necessidade de professores, conteudistas, designers instrucionais⁵ (FILATRO, 2007 e 2008) assim como de outros profissionais da área, é crescente.

⁴ Termo empregado para pequenos aplicativos e funcionalidades que aparecem, em especial, nas laterais da tela de um computador ou de um site, sendo muito comum em blogs.

⁵ O termo desenhista instrucional também é empregado, porém com menor frequência, considerando, por exemplo, duas publicações especializadas (FILATRO, 2007 e 2008).

É necessário que professores e estudantes estejam devidamente informados sobre as características e potencialidades desta modalidade de ensino, de forma a evitar conceitos equivocados e, até mesmo, crenças e preconceitos.

Este artigo buscou abordar sinteticamente alguns conceitos básicos sobre EaD, sua história, suas formas e terminologias. Desta forma, ele pode ser empregado na formação básica pré-serviço e em serviço de professores para esta modalidade educacional. O texto pode ainda contribuir para que estudantes interessados ou iniciantes compreendam alguns fundamentos da EaD.

Por fim, convém mencionar que a bibliografia empregada foi selecionada e intencionalmente reduzida de forma a possibilitar que leitores deste trabalho busquem livros e artigos que tratam de aspectos de EaD de forma clara e objetiva. Outro critério que foi adotado para fundamentação bibliográfica foi a publicação no Brasil nos últimos 5 anos, o que facilita a sua pesquisa e aquisição, além de contemplarem novas tecnologias e potencialidades da EaD.

8- Bibliografia

ALVES, J. R. M. A história da EaD no Brasil. IN: LITTO, F. e FORMIGA, M. (Org) Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

BARROS, D. M. V. Guia didático sobre as Tecnologias da Comunicação e Informação. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2009.

BELLONI, M. L. Educação a Distância. 5ª Edição. Campinas: Autores Associados, 2009.

CARLINI, A. L. e TARCIA, R. M. L. Contribuições didáticas para o uso das tecnologias de educação a distância no ensino presencial. IN: CARLINI, A. L. e TARCIA, R. M. L. 20% a distância e agora?: orientações práticas para o uso da tecnologia de educação a distância no ensino presencial. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

FILATRO, A. Design instrucional contextualizado: educação e tecnologia. 2ª Edição. São Paulo, Editora Senac São Paulo, 2007.

FILATRO, A. Design instrucional na prática. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2008.

FORMIGA, M. A terminologia em EAD. IN: LITTO, F. e FORMIGA, M. (Org) Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

GOUVÊA, G. e OLIVEIRA, C. I. Educação a Distância na Formação de Professores: Viabilidades, potencialidades e limites. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2006.

KENSKI, V. M. Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância. 8ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

MAIA, C. e MATTAR, J. ABC da EaD: educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MOORE, M. e KEARSLEY. Educação a Distância: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

TARCIA, R.M. L. e COSTA, S. M. C. Contexto da Educação a Distância. IN: CARLINI, A. L. e TARCIA, R. M. L. 20% a distância e agora?: orientações práticas para o uso da tecnologia de educação a distância no ensino presencial. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

TORI, R. Cursos híbridos ou *blended learning*. IN: LITTO, F. e FORMIGA, M. (Org) Educação a Distância: o estado da arte. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

TORI, R. Educação sem distância: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

VALENTE, C. e MATTAR, J. Second Life e Web 2.0 na Educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias. São Paulo: Novatec, 2007.